



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **REPRESENTAÇÕES DA DOCÊNCIA: OUTROS MODOS DE VER A PROFISSÃO**

Maria Emilia Sardelich

Universidade Federal da Paraíba – emilisar@hotmail.com

### **Resumo**

A categoria social docência carrega consigo uma multiplicidade de sentidos. É em virtude dessa polissemia que esta investigação debruça-se sobre os modos de ver a docência que circulam entre licenciandas de Pedagogia, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em um momento em que a profissão conta com reduzido status social. A pesquisa situa-se na perspectiva da Cultura Visual, compreendendo o visual como lugar de interação social, enunciados de classe, gênero e processos de identificação. Os resultados apontam para uma visualidade comum de docência generificada. Junto a essa visualidade comum emerge outra que consideramos provocadora, sinalizando uma narrativa transmídia que pode forjar-se na cultura da convergência.

**Palavras-chave:** Docência, Formação de professores, Cultura Visual.

### **Introdução**

Em meados do século XX os avanços da microeletrônica, combinada com a informática e as telecomunicações, transformaram o trabalho, a aprendizagem, o pensamento, o divertimento e os modos de relacionamento da humanidade com a sua própria memória e o conhecimento. Essa série de transformações alterou profundamente as necessidades de aprendizagem bem como as possibilidades para aprender e, conseqüentemente, as demandas feitas à docência. O recente ato normativo que regula a formação docente no Brasil, a Resolução do Conselho Nacional de Educação nº 2/2015, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior - cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura e para a formação continuada- em seu artigo 2º, parágrafo primeiro, compreende a docência como ação educativa e processo pedagógico intencional e metódico, envolvendo conhecimentos específicos, interdisciplinares e pedagógicos,



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

conceitos, princípios e objetivos da formação que se desenvolvem na construção e apropriação dos valores éticos, linguísticos, estéticos e políticos do conhecimento inerentes à sólida formação científica e cultural do ensinar/aprender, à socialização e construção de conhecimentos e sua inovação, em diálogo constante entre diferentes visões de mundo (BRASIL, 2015).

Em pesquisas realizadas com docentes, Oliveira (2004) constatou que, apesar destes se sentirem obrigados a responder às novas exigências pedagógicas e administrativas, eles também expressam uma contínua sensação de insegurança e desamparo, tanto do ponto de vista objetivo, pois lhes faltam condições de trabalho adequadas, quanto do ponto de vista subjetivo. As dificuldades inerentes ao exercício profissional, aliadas a uma política educacional que não valoriza o saber/fazer docente, fomentam o êxodo desses profissionais das escolas de Educação Básica. A intensificação e estandardização do tempo de trabalho docente, que implica no aumento da quantidade de atividades e de responsabilidades atribuídas, assim como variedade de tarefas no mesmo tempo de trabalho, não só provoca a desprofissionalização docente, mas também atenta contra o direito à educação e afeta gravemente a educação pública (JEDLICKI; YANCOVIC, 2010).

Considero que a docência nutre-se da e na ambiência social, daquilo que é valor na coordenada espaço temporal em que se constitui. A docência é uma construção social e histórica em meio às disputas de poder para sua definição, que carrega uma multiplicidade de sentidos. É em virtude dessa polissemia que esta investigação debruça-se sobre os modos de ver a docência que circulam entre licenciandos da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Esta investigação tem por objetivo dar visibilidade às representações visuais da docência que estão se construindo entre licenciandos desta Universidade em um contexto de desprofissionalização docente e excesso de informação/imagens que afetam nossos modos de pensar, agir e aprender.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Ao chegarem aos cursos de formação inicial os licenciandos trazem consigo representações sobre a docência. Alves (2007) destaca que antes de termos o direito legal de exercermos a docência aprendemos o ofício “de ver e ouvir e muito sentir – aprendemos gestos, expressões, maneiras, movimentação de corpo” (ALVES, 2007, p. 64). Por outro lado, Blikstein (2006) observa que as teorias que criamos sobre fenômenos do cotidiano não são frivolidades passageiras, mas sim construções complexas difíceis de substituir mesmo com formação acadêmica e científica. Blikstein (2006) destaca que a qualidade de nossa atividade profissional depende da qualidade dos modelos que conformaram nossas “teorias ingênuas” e adverte que, como docentes, somos bastante experientes em pensar sobre o ensino, pois passamos de dez a vinte anos de nossas vidas como discentes. Para Blikstein (2006) é a experiência discente que configura as “teorias ingênuas” do docente sobre como ensinar. Freire (2001) refere-se às “posições ingênuas” do sujeito que, pela inexperiência do diálogo, mantém-se passivo. Desse modo é a experiência discente que dá forma às “teorias”, às “posições ingênuas” sobre a docência. É essa poderosa fonte de modelos de professores e situações de aprendizagem vivenciadas como discente que pode levar o docente reproduzi-las, apesar das “teorias científicas” estudadas nos cursos de licenciatura. Fundamentada nesses autores, abordei o conteúdo Didática, dos cursos de licenciatura, a partir da memória do processo de escolarização dos licenciandos, para deflagrar uma reflexão sobre suas experiências como discentes. Esta proposta abarca a linguagem verbal e visual. Na produção verbal o licenciando narra sua experiência escolar, destacando práticas vivenciadas que considere positivas e negativas para sua aprendizagem. Na produção visual o licenciando apresenta uma imagem que, para ele, represente a docência, o exercício profissional. A imagem pode ser de autoria própria ou alheia -sempre e quando indique a fonte da imagem- produzida a partir de qualquer técnica: desenho, pintura, colagem, fotografia, entre outras.

Trabalhamos com as imagens, com as representações visuais, na perspectiva da Cultura Visual. Mirzoeff (2003) afirma que a visualização caracteriza o mundo contemporâneo



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

e a Cultura Visual é uma tática para estudar a genealogia, a definição e as funções da vida cotidiana a partir da perspectiva do consumidor das imagens, mais que do produtor. Desse modo, as representações visuais são um lugar sempre desafiante de interação social e processos de identificação. Consideramos que o diferencial da Cultura Visual, em relação a outras propostas para o trabalho com as imagens, sejam da arte ou não, é focalizar a interpretação daquele que vê e não o objeto que é visto, nem o produtor desse objeto. A Cultura Visual privilegia a interpretação daquele que vê, os significados que aquele que vê constrói na medida em que se relaciona com os artefatos visuais, fala e é escutado, sobre a relação que estabelece entre aquilo que vê e seu próprio contexto. Mais do que pensar em representações e artefatos, a Cultura Visual explora os discursos sobre os quais as representações constroem relatos do mundo e favorecem determinadas visões sobre esse mundo e nós mesmos. Por essa razão, questiona a tentativa de fixar significados nas representações e como isso pode afetar nossas vidas. Também discute as relações de poder que se produzem e se articulam por meio das representações e que podem ser reforçadas pelos modos de ver e produzir essas representações.

A partir desses pressupostos da Cultura Visual discutimos coletivamente as imagens produzidas ou selecionadas pelos licenciandos. A discussão coletiva se inicia a partir da livre associação de palavras, pois considero que este procedimento alivia os filtros de censura dos licenciandos em busca da categorização unidimensional em respostas certas e erradas, base da avaliação escolar (BLIKSTEIN, 2006), como também da resposta que os licenciandos supõem que a docente/investigadora espera ouvir. O foco da discussão coletiva não recai sobre o que pensamos dessas representações, mas sim nas narrativas que essas imagens fazem circular e, a partir dessas propor uma reflexão sobre o exercício da docência na contemporaneidade. Explorei o modo pelo qual as narrativas favorecem determinadas visões de docência. Considero que essa produção verbal e visual pode ser uma experiência significativa para que os licenciandos tomem consciência de seus posicionamentos bem como das representações de docência que já construíram e compreendam os pressupostos que as fundamentam.



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## Achados da pesquisa entre pedagogas

Participaram da primeira coleta de imagens desta pesquisa 36 licenciandas e 2 licenciandos de Pedagogia, do quarto período do curso, no segundo semestre de 2013. Por essa razão, a partir desse momento, escreverei concordando com o gênero feminino, predominante no grupo de trabalho desta investigação. Das 38 imagens coletadas, 30 são de autoria alheia, sendo imagens disponíveis em revistas, sites da *Internet*, de conteúdo educacional. Somente uma imagem pertence ao repertório consagrado pela História da Arte. Dentre as 8 imagens de autoria própria, 4 são fotografias; 3 desenhos, sendo dois em branco e preto e um em cores; 1 colagem.

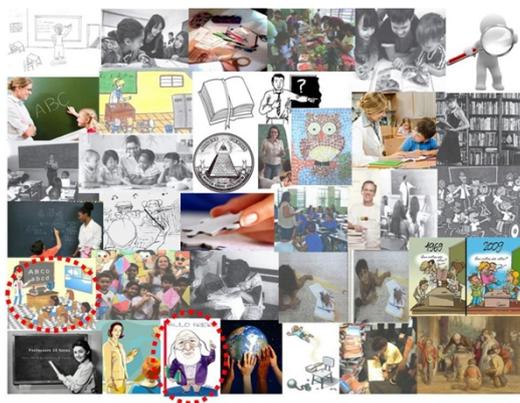


Figura 1. Representações da Docência, Pedagogia 2013.

Na figura 1 estão circuladas as duas imagens que foram apresentadas por mais de uma licencianda. Das 38 imagens apresentadas, 34 aludem a figura humana e somente 4 são figurativas sem referência direta à figura humana.



Figura 2. Representações Figurativas Docência, Pedagogia 2013.

O cenário privilegiado é a sala de aula, representada em 21 imagens.



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO



Figura 3. Cenário Representações Docência, Pedagogia 2013.

A figura masculina, acompanhada ou não de crianças/jovens, aparece em 8 imagens.



Figura 4. Representações Masculinas Docência, Pedagogia 2013.

A figura feminina, acompanhada ou não de crianças, predomina na representação da docência em 18 imagens.



Figura 5. Representações Femininas Docência, Pedagogia 2013.



## Visualidades Comuns

Nas imagens coletadas em nossa pesquisa predomina a representação de uma mulher vestida sobriamente, frente a um quadro ou escrivaninha (Figura 6), muito próxima da imagem da Professora Marocas, personagem das Histórias em Quadrinhos de Maurício de Sousa (Figura 7), um artefato visual de grande circulação no Brasil que é destinado à infância.



Figura 6. Visualidade Comum sobre a Docência.



Figura 7. Professora Marocas, Turma do Chico Bento. Sousa, 2007

Categorizei essas imagens como visualidades comuns que emergem no cruzamento das redes de significados compartilhados pelas licenciandas. Tourinho (2009) conceitua visualidade comum, como um campo de imagens de referência que compartilhamos num sentido semelhante ao senso comum, quando nos referimos a ideias, práticas, hábitos que nos aproximam. Louro (2002) afirma que no entrecruzamento dessas representações algumas ganham a autoridade do óbvio, do senso comum, da autoevidência, que se chega a esquecer de seu “status de representação” socialmente construída. Essas imagens apontam para uma representação naturalizada da docência, como atividade feminina, exercida por mulheres sem atrativos físicos, munidas de signos como régua, livros, globo terrestre, batuta, que revelam a regulação dos corpos, tanto de discentes quanto das próprias docentes. Essas imagens apontam indicam uma concepção de docência generificada, que não subverte o discurso da “natureza feminina” como sendo a inclinação para a maternidade, o cuidado, a entrega, a doação.



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Louro (1999) observa que por meio de múltiplos recursos se reforça uma estreita ligação entre professoras e crianças que chega a infantilizar o processo de formação e o exercício da profissão. A autora adverte para não incorrerem no erro de homogeneizar todos os discursos e práticas de sujeitos que exerceram e exercem a docência no Brasil, porém recorda que, apesar das múltiplas práticas e discursos sobre a docência, nem todos são considerados socialmente do mesmo modo. Alguns se fixam como os verdadeiros ou como as verdadeiras práticas docentes. Apesar do discurso em torno da “natureza feminina da docência” impregnar as visualidades encontradas em nossa investigação, também circularam imagens que consideramos provocadoras.

### **Visualidade Provocadora**



Figura 8. Bui Brothers, *Brainiac*, 2013.

A imagem da Figura 8 causou um grande alvoroço durante a discussão coletiva com as licenciandas. A primeira frase que emergiu rapidamente na apresentação da mesma foi: “*Ela tá se achando! Não é a imagem de uma professora.*” O grupo agitou-se desrespeitando as regras previamente ajustadas de solicitar a palavra. Chamou nossa atenção a expressão “*Ela tá se achando*”, que em geral utiliza-se para a pessoa que deseja ser o centro das atenções; uma pessoa que, supostamente, sente-se poderosa, “*se acha*” e é classificada como arrogante. No tumulto repentino emergiram argumentos como: “*é uma mulher muito sexy*”, “*ela não pode entrar assim numa sala do terceiro ano*”, “*ela está com os braços de fora*”, “*o vestido é muito sensual*”, entre outros que giraram em torno da elegante e refinada aparência da figura feminina. Ao conseguirmos



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

reorganizar a discussão, recordamos ao grupo que solicitamos uma imagem que representasse a docência, ou seja, a profissão e não a profissional, a professora. Apesar de ratificarmos que estávamos discutindo sobre a representação da profissão, o argumento que, quantitativamente sobressaiu foi o de que *“uma professora não deve vestir-se desse modo”*. Ao questionarmos tal argumento o grupo justificou o posicionamento afirmando que uma professora *“está para cumprir o ofício”*. Indagamos os motivos pelos quais a vestimenta estaria inadequada para o ofício e a justificativa foi a de que *“a professora deve ter os braços cobertos”*. Questionamos as razões para os braços cobertos, pois se essa mulher tem os braços descobertos, por sua vez está de meias cobrindo as pernas. O grupo justificou a necessidade dos braços cobertos pelo fato de que uma professora acaba tendo contato físico com crianças, pode pegar no colo, abraçar, daí a necessidade dos braços cobertos. As licenciandas também observaram que as meias escolhidas pela mulher da imagem não são para cobrir as pernas, pois são *“meias provocantes”*.

Os argumentos apresentados pelas licenciandas apontam para a constatação de Silveira (2004) em relação às exigências de uma postura educacional assexuada na docência. Louro (1999) destaca a imbricação entre gênero – a condição social pela qual somos identificados como mulher ou homem- e a sexualidade - a forma cultural pela qual vivemos nossos desejos e prazeres corporais - na docência. Observa que a sexualidade da docente vem sendo negada em função das restrições em relação ao contato físico entre professoras e alunos, pois abraços e beijos foram considerados práticas inadequadas durante muito tempo. Apenas duas licenciandas, dentre 36 mulheres, levantaram argumentos em favor dessa representação para a docência. Os argumentos foram: *“essa mulher é uma intelectual, pois tem muitos livros, se as professoras assumissem o lado intelectual da docência e não o maternal, a profissão seria mais respeitada”*; *“se as professoras se vestissem bem, como essa mulher, seriam mais valorizadas”*. Em relação ao argumento da docência como atividade intelectual, Giroux (1997) afirma que compreender o trabalho docente como intelectual implica tornar o



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

pedagógico mais político e o político mais pedagógico, o que significa inserir a escolarização diretamente na esfera política e fazer ecoar a voz ativa dos estudantes em suas experiências de aprendizagem.

A imagem que causou tanta discordância entre as licenciandas de Pedagogia representa uma mulher jovem, diante de uma grande estante de livros que necessita de uma escada para poder alcançar todas as prateleiras. A estante contém muitos livros, ordenados, porém não simetricamente e ocupam todos os lugares disponíveis. Causa a impressão de que falta espaço para mais livros e juntam-se a pequenos objetos que, aparentemente, parecem pertencer a diversas culturas. Assemelha-se a estante de um colecionador, um estudioso em determinado assunto. A jovem mulher, de cabelos curtos e avermelhados, usa óculos, agarra-se à escada com a mão direita e sustenta-se sobre um degrau com o pé direito. Segura um livro aberto com a mão esquerda, porém não olha para o livro, mas sim para o espectador em uma atitude séria, de lábios vermelhos e fechados, com uma expressão que sugere uma indagação, como se aguardasse a resposta a um enigma. Dentre os vários significados atribuídos pela simbologia ao livro temos sabedoria, revelação, manifestação da mensagem divina, o próprio Universo. Um livro aberto significa matéria fecundada e seu conteúdo possuído por quem o lê (Chevalier e Gheerbrant, 1998).

A figura feminina que posa nesta imagem é a atriz estadunidense Felicia Day (1979). A imagem está disponível no site da atriz<sup>1</sup> e tem por título *Brainiac*. A autoria da imagem é da dupla de fotógrafos estadunidense Bui Brothers. Sobre o título *Brainiac*, o dicionário da língua inglesa Oxford, indica como substantivo, originário da linguagem informal norte americana, que significa uma pessoa de inteligência excepcional. O dicionário aponta que a expressão resulta da junção das palavras *brain* (cérebro) e *maniac* (maníaco), etimologia datada na década de 1950, no âmbito das Histórias em Quadrinho, por ter sido o nome dado ao vilão humanoide inimigo do super-herói Super Homem. A figura feminina que posa para esta imagem - a atriz, cantora, roteirista, produtora e jogadora de videogame (*gamer*) - Felicia Day, é conhecida entre o público

---

<sup>1</sup> Disponível em <http://feliciday.com>



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

jovem que consome *webseries*. Apesar dos suportes tradicionais para a produção audiovisual ainda serem o cinema e a TeVê, essa produção transita para as várias telas disponíveis atualmente, como as da *web* e celulares. Nesses trânsitos, além da “remediação” - quando um meio herda características de meios anteriores, mas também as reatualiza - e do cruzamento das mídias - com os conteúdos distribuídos pelas várias mídias ao mesmo tempo - também encontramos o fenômeno da “transmídiação” (Machado, 2007). A “transmídiação” de conteúdos ocorre quando as produções envolvidas não são só derivadas de outros meios e estão circulando em vários deles, mas em seu conjunto compõem uma narrativa, ou diversas narrativas, que se constroem em torno a um tema comum.

Jenkins (2009) indica a transmídiação como um fenômeno da cultura da convergência. Esta não se refere apenas ao processo tecnológico que une múltiplas funções em um mesmo dispositivo, como podem ser os “telefones inteligentes”, mas sim como uma transformação cultural, na medida em que consumidores, espectadores, pesquisadores, “caçam”, coletam informações e são capazes de estabelecer novas conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos. A cultura da convergência propõe uma estética que exige a participação ativa do espectador em comunidades de conhecimento, pois os espectadores necessitam assumir o papel de coletores, caçadores, para perseguir os pedaços da história em diferentes canais.

As séries são comercialmente exploradas desde os folhetins, no início do século XIX, porém atualmente constroem narrativas transmídias, como os livros que dão lugar a Histórias em Quadrinhos, Filmes, Jogos. As *webseries* não são somente uma produção seriada veiculadas na *web*, mas fazem parte dessa nova estética transmídia. Na *série* *Supernatural*, que recebeu a denominação de Sobrenatural ao ser veiculada na televisão aberta brasileira, a figura feminina que posa para a imagem em análise, Felicia Day, não só pelos papéis que interpreta, mas também por sua própria inserção nas múltiplas funções que envolvem a produção transmídia, é uma espécie de musa *nerd*. Bicca *et al* (2013) observam que embora o bom desempenho escolar seja uma característica



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

recorrente dos integrantes do grupo cultural *nerd*, esse grupo dedica-se ao estudo aprofundado, sistemático. Um/a *nerd* não tem por objetivo obter sucesso na escola, mas apropriar-se de conhecimentos diversos pelo prazer que o ato de aprender um determinado tema proporciona quando essa aprendizagem representa um desafio mental. Matos (2013) observa o caráter curatorial na prática cotidiana de catalogar, selecionar, classificar, atribuir valor e inserir esses objetos em um mapa de importância entre *nerds*. Para esse grupo não basta, apenas, consumir e colecionar determinados filmes, histórias em quadrinhos, séries de TeVê ou livros, mas sim a escolha, a seleção, a disputa pelo prestígio, pela distinção que a identificação com determinados signos lhes permite.

### **Considerações alcançadas**

A partir das imagens coletadas podemos identificar que, quantitativamente, o discurso da docência generificada, com a regulação do comportamento feminino no exercício da profissão, persevera na subjetivação das licenciandas. Compreendemos a identificação com a profissão docente como um processo contínuo que se constrói na trajetória formativa. Inicia-se muito antes da formação nos cursos de licenciatura e pode adotar modelos docentes que marcaram a escolarização da licencianda. A identificação profissional implica uma rede de interações pessoais e sócio culturais que se institui e se constitui nas identificações das subjetividades consigo, com os outros e com o contexto espaço-temporal.

Mesmo que ainda em número pouco expressivo, algumas representações, coletadas entre as licenciandas em Pedagogia, sinalizam outra visualidade, outro modo de representar e compreender a docência que denominamos de provocadora. Uma docência provocadora, para a qual o desafio do aprender se aproxima do prazer. Uma docência que se abre para a sexualidade, que não nega nossos desejos e prazeres corporais e intelectuais, que rompe com a anacrônica concepção maternal e do sacrifício vocacional.



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## Referências Bibliográficas

- ALVES, N. Nós somos o que contamos: a narrativa de si como prática de formação. In: SOUZA, E. C. *Histórias de vida e Formação de Professores*. Boletim 1, TVE, Salto para o Futuro, mar.2007.p. 62-69.
- BICCA, A. D. N. *et al.* Identidades Nerd/Geek na web: um estudo sobre pedagogias culturais e culturas juvenis. *Conjectura*, Caxias do Sul, v. 18, n. 1, p. 87-104, jan./abr.2003.
- BLIKSTEIN, P. Mal-estar na avaliação. In: SILVA, M. ; SANTOS, E. *Avaliação da aprendizagem em educação online*. São Paulo: Loyola, 2006. pp. 183-200.
- BRASIL. Resolução CNE/CP n. 2, de 1 de julho de 2015. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Diário Oficial da União, Brasília, 2 de julho de 2015.
- CHEVALIER, J. ; GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*. 12ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1998.
- FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- GIROUX, H. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- JEDLICKI, L. R.; YANCOVIC, M. P. Desprofissionalização docente. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. *DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010.
- JENKINS, H. *Cultura da Convergência*. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, M. Del (org.); BASSANEZI, C. *Histórias das mulheres no Brasil*. 6. Ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 3 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- MACHADO, A. *O sujeito na tela: modos de enunciação no cinema e no ciberespaço*. São Paulo: Editora Paulus, 2007.
- MATOS, P. Consumo, curadoria e a construção de mapas de importância na cultura nerd. X POSCOM SEMINÁRIO DOS ALUNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL DA PUC. Rio de Janeiro, nov.2013.
- MIRZOEFF, N. *Una introducción a la cultura visual*. Barcelona: Paidós, 2003.
- OLIVEIRA, D. A. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. *Educação & Sociedade*. v. 1., n.89, pp. 1127-1144, set./dez. 2004.
- SILVEIRA, R. M. H. Professoras pelo avesso: gênero, sexualidade e paixão em narrativas contemporâneas. V SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO - REGIÃO SUL – ANPEDSUL, 27 a 30 de abril de 2004.
- SOUSA, M. de. *Turma do Chico Bento n. 1*. São Paulo: Ed. Panini Comics, 2007.
- TOURINHO, I. Visualidades comuns, mediação e experiência cotidiana. In: BARBOSA, A. M.; COUTINHO, R. G. (orgs.) *Arte Educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 269-284.